

AS RELAÇÕES ENTRE JUDAÍSMO E CRISTIANISMO RETRATADAS NA PINTURA DE CARL HEINRICH BLOCH

THE RELATIONSHIP BETWEEN JUDAISM AND CHRISTIANITY PORTRAYED IN THE PAINTINGS OF CARL HEINRICH BLOCH

Donizete Luiz RIBEIRO, Doutor em Teologia com concentração em estudos judaicos pelo ICP (Instituto Católico de Paris), possui mestrado em Teologia pela mesma Universidade. Atualmente, é professor agregado da PUCRIO e Diretor Acadêmico do CCDEJ – Centro Cristão de Estudos Judaicos de São Paulo. Editor da Revista Cadernos de Sion e membro do Conselho Editorial da Coleção de livros Judaísmo e Cristianismo. Líder do Grupo de Pesquisa: Ecos da Torah/Escríptura nos Evangelhos e na literatura paulina.*

Daniela Caselle Catanzaro GUIMARÃES, Servidora pública do Tribunal de Justiça de São Paulo; graduada em Direito pela Universidade Mackenzie; Pós-graduada em Direito do Consumidor pela Escola Paulista da Magistratura e em Cultura Judaico-Cristã, história e teologia pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos-SP.**

Resumo

A partir da análise dos elementos estilísticos existentes na pintura intitulada “O encontro de Maria e Isabel” do renomado artista dinamarquês Carl Heinrich Bloch, é possível refletir sobre a importância do Judaísmo para uma melhor compreensão do Cristianismo a partir de suas raízes. Uma vez que Jesus viveu inserido na comunidade judaica, a obra de Bloch representa uma bem sucedida demonstração da importância da cultura judaica para o Cristianismo na medida em que forneceu bases importantes para o seu nascimento. Contudo, a origem da relação conflituosa entre as duas religiões remonta aos primórdios, quando o Cristianismo nascente era visto apenas como uma vertente do judaísmo. O modo como a figura da visitação foi retratada ao longo dos séculos nos permite compreender não só a influência das escolas artísticas, mas também a influência da mentalidade reinante na Igreja sobre a posição do Cristianismo frente ao Judaísmo, mormente após o Concílio Ecumênico de Trento, que ditou uma maior padronização nas reproduções artísticas e impôs a observância do aspecto catequético cristão. Embora o cristianismo nascente represente um novo agir salvífico de Deus, o patrimônio comum favorece a unidade entre ambos e tem potencial para culminar no abraço afetuoso que Isabel está prestes a oferecer à Virgem Maria, conforme representado na tela produzida pelo artista dinamarquês, que viveu no século XIX, marcado pelo surgimento do antisemitismo racial que se espalhou pela Europa e possui suas raízes no antijudaísmo que se manteve vivo ao longo dos séculos e contra o qual a Igreja tardou em se opor formalmente. A obra de Bloch, portanto, é um sopro de esperança e um convite ao convívio fraterno entre cristãos e seus “irmãos mais velhos na fé”.

Palavras-chave: Maria. Isabel. Judaísmo. Cristianismo. Pintura.

Abstract

By examining the stylistic elements of the painting *The Meeting of Mary and Elizabeth* by the renowned Danish artist Carl Heinrich Bloch, one can reflect on the importance of Judaism for a deeper understanding of Christianity in light of its roots. Since Jesus lived within the Jewish community, Bloch's work stands as a compelling demonstration of the decisive role Jewish culture played in shaping Christianity, providing the very foundations for its emergence. The origins of the conflictual relationship

* E-mail: ribeironds@gmail.com

** E-mail: danicasel@yahoo.com.br

between the two religions, however, date back to the earliest times, when nascent Christianity was regarded merely as a branch of Judaism. The way in which the Visitation has been represented throughout the centuries reveals not only the influence of artistic schools but also the impact of the prevailing mentality within the Church on Christianity's stance toward Judaism—particularly after the Council of Trent, which required greater uniformity in artistic reproductions and imposed the observance of a Christian catechetical perspective. Although early Christianity represents a new salvific action of God, the shared heritage between the two traditions fosters unity and symbolically finds expression in the tender embrace that Elizabeth is about to offer the Virgin Mary, as portrayed in Bloch's canvas. The painting, created in the 19th century—a period marked by the rise of racial antisemitism across Europe, rooted in centuries of enduring anti-Judaism to which the Church was slow to formally respond—emerges as both a breath of hope and an invitation to fraternal coexistence between Christians and their “elder brothers in faith.”

Keywords: Mary. Elizabeth. Judaism. Christianity. Painting.

Introdução

O presente artigo visa apresentar uma reflexão sobre a importância do judaísmo para uma melhor compreensão do cristianismo, a partir de suas raízes, tendo como referência a obra “O encontro de Maria e Isabel”, de Carl Heinrich Bloch, pintada em óleo sobre cobre em 1866, que retrata a visita de Maria à sua prima Isabel, com inúmeros elementos estilísticos peculiares que melhor simbolizam o encontro entre o cristianismo nascente (presente na figura de Maria, grávida de Jesus) e as suas raízes hebraicas (presentes na figura de Isabel), brilhantemente retratado pelo artista dinamarquês. A obra foi exaltada como a melhor das vinte e três pinturas religiosas que lhe foram encomendadas para o Oratório do Rei, no interior do Castelo de Frederiksborg.

Dessa forma, tendo como ponto de referência renomada tela, é possível perceber o cuidado do artista em reconhecer a importância da tradição judaica para o cristianismo nascente, a qual constitui o seu berço (uma vez que Jesus nasceu judeu), lembrando que todos pertencem à única família dos filhos de Deus.

Ainda, a partir do traço preciso do pintor, é possível aprofundar a reflexão sobre como as relações entre judaísmo e cristianismo ocorreram e foram retratadas pela arte ao longo do tempo, mormente no tocante às inúmeras reproduções do encontro entre Maria e Isabel por outros artistas, como expressão do pensamento de sua época.

Com efeito, partindo-se de obra de arte de reprodução ímpar, e aprofundando a análise sobre a importância da tradição judaica, será possível a todo cristão compreender melhor suas raízes, e consequentemente, viver com maior convicção e autenticidade a sua fé.

As tensões no relacionamento existente entre judeus e cristãos

No século I, um grupo de pessoas vindo do judaísmo acolheu Jesus como o Messias, passando mais tarde a responderem pela denominação de cristãos, conforme destacado no livro de Atos dos Apóstolos 11, 26: “(...) E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, receberam o nome de cristãos”. Os demais judeus, que não acolheram essa crença, permaneceram à espera do Messias, sendo que grande parte do judaísmo aguardava o Messias davídico, que viria para libertá-los da opressão romana.

A relação entre judeus e o Império Romano foi marcada por conflitos. Nos séculos II e I AEC as comunidades judaicas resolviam seus problemas internos por meio do Sinédrio, que era o conselho supremo dos judeus, o qual proferia decisões de cunho civil e religioso segundo as Leis de Moisés e as tradições judaicas. Contudo, o Império Romano passou a fazer efetivas intervenções na vida da comunidade judaica, impondo comportamentos e proibições que afetavam a vida dessas comunidades, gerando uma crescente insatisfação com os desmandos romanos. Referida situação culminou em revolta no ano de 66, que acarretou a destruição do Segundo Templo no ano de 70 da EC pelos romanos, impossibilitando a realização dos rituais sacrificiais e causando um impacto profundo no povo judeu. Essa situação causou um forte movimento de deslocamento de judeus para outros domínios do Império. Cumpre ressaltar que essa dispersão do povo judeu em torno do século I foi o fator determinante para a expansão do cristianismo.

No século seguinte, os conflitos tiveram seguimento com um grande confrontamento entre as forças romanas e judeus liderados por Bar Kokhba. Este líder judeu fora indicado por Rabi Akiba, líder do Sinédrio, como possível Messias. O embate se prolongou de 132 a 135 da EC, resultando na invasão da cidade fortaleza Beitar e morte dos insurgentes, sendo que os remanescentes foram expulsos da Judeia, ocorrendo nova dispersão judaica.

Apesar das mudanças, o Judaísmo tornou-se altamente descentralizado e começou a se concentrar em sinagogas e comunidades locais espalhadas pelo Mediterrâneo. Para enfatizar ainda mais isso, a Judeia propriamente dita deixou de ser o centro espiritual do Judaísmo. Foi, até certo ponto, substituída pela Galileia, mas nunca de forma dominante como a Judeia e Jerusalém haviam sido antes. Assim, foi somente após a Revolta de Bar Kokhba que os Judeus e o Judaísmo se tornaram verdadeiramente um povo e uma religião de uma diáspora. (CAPTIVATING HISTORY, 2021, p. 114)

Formaram-se então comunidades diáspóricas em várias regiões do império romano que preservavam as tradições comuns judaicas.

Em contraponto, no século II, há registros de grupos de “judeus-cristãos” que faziam memória à morte e ressurreição do Messias, reconhecido por seus integrantes na figura de Jesus Cristo:

(...) a primeira comunidade cristã, a de Jerusalém, cujos membros eram judeus de estrita observância, e queriam assim permanecer, não parece ter conhecido dissabores ou perseguições sistemáticas; só foi exilada de Jerusalém após a destruição do templo, em 70, e encontrar-se-ão ainda no século seguinte vestígios destes “judeus-cristãos”, como serão chamados mais tarde. Outrossim, estes primeiros cristãos respeitavam os mandamentos da Lei em toda sua minúcia, e pretendiam recrutar adeptos apenas entre os judeus. (POLIAKOV, 1979, p. 16)

O acirramento da oposição entre os dois grupos pode ser observado próximo dos anos 80 da EC, quando foi incorporada ao *Shemonê Esrê*¹ - oração recitada cotidianamente - a décima segunda bênção que incluía os cristãos entre os hereges.

No século III imperava a rivalidade doutrinária entre cristãos e judeus. E, nas palavras do filósofo e teólogo cristão Orígenes, que dentre outros, propagou a imagem do judeu deicida, difundida no oriente pelo movimento da diáspora. Diz ele: “podemos concluir com toda a confiança que os judeus não recuperarão sua situação de então, pois cometem a mais abominável das perversidades, tramando este conluio contra o Salvador do gênero humano” (POLIAKOV, 1978, p. 20).

Também se pode identificar a existência de discursos amplamente antisemitas nas pregações de alguns padres da Igreja, como Gregório de Nissa, no século IV, ao se referir aos judeus como “comparsas do diabo, raça de víboras, delatores, caluniadores” (POLIAKOV, 1978, p. 22), além de São João Crisóstomo e São João de Antioquia, que utilizaram termos como “beberrões” e “advogados do diabo”. Nesse tocante, pondera o historiador francês Jules Isaac:

Os Padres da Igreja vão muito mais longe. Já ouvimos Santo Efrém tratar os judeus de “cães circuncisos”, São Jerônimo (ao mesmo tempo que lhes pedia lições de hebraico) denuncia as “serpentes judias” de que Judas é a imagem, e os entrega ao “ódio” dos cristãos. Mas a palma cabe a São Gregório de Nissa e São João Crisóstomo, rivais em truculência na inventiva sagrada. (1986, p. 237-238)

Restou evidente o distanciamento entre os dois grupos, sobretudo porque o cristianismo seguiu em busca de sua própria identidade. Mas não só. À medida que foi ocorrendo a estruturação da Igreja cristã, mormente com a realização de seus concílios ao longo dos séculos, foi possível perceber em seu interior traços do antijudaísmo teológico-cristão, que prejudicou

¹ *Shemonê Esrê* (que significa dezoito em hebraico), também conhecida como *Tefilá* ou *Amidá*, é a oração central da liturgia judaica, composta por dezoito bênçãos, sendo que posteriormente foi acrescida uma décima nona bênção, mantendo-se sua denominação inicial.

enormemente as relações entre cristãos e judeus. Muitos de seus elementos acabaram sendo utilizados pelo antisemitismo neopagão desenvolvido no século XIX, e se espalhou sobretudo pelo continente europeu. Referida situação culminou com sua mais horrível expressão na *Shoah*², que propiciou o assassinato de milhões de judeus.

Após o Holocausto, iniciou-se forte movimento de combate a atitudes antisemitas por toda a Europa, cujas vozes foram ouvidas pela Igreja, a saber: o historiador judeu-francês Jules Isaac, o cardeal Augustin Béa, o pensador judeu-polonês Abraham Heschel, entre outros. A questão afeta ao antijudaísmo presente em sua catequese e entra como pauta do Concílio Vaticano II, culminando com a promulgação da Declaração *Nostra Aetate* em 28 de outubro de 1965, que em seu artigo 4º, dentre outras proposições, reconhece e valoriza o judaísmo como a origem do cristianismo. Ainda, recorda a existência de um patrimônio comum, que não se limita somente às Sagradas Escrituras, mas que constitui algo muito maior que inclui as fontes da literatura rabínica, da literatura e tradições judaicas. Portanto, não se limita apenas à Torah escrita, mas também à Torah oral. Pierre Lenhardt explica que: “esta Torah Oral é anterior à Torah Escrita, a gera e a recebe, a transmite e a interpreta. A Torah Oral engloba a Torah Escrita e permanece sempre maior que a exegese que fez desta Torah Escrita. A Escritura está dentro da Tradição” (LENHARDT, 2020, p. 65).

No referido documento, considerado a Carta Magna das relações cristão-judaicas, a Igreja lamenta as perseguições e manifestações de ódio aos judeus e, pela primeira vez na história, após dezesseis séculos desde o primeiro concílio ecumênico da Igreja (Concílio de Niceia, em 325), se posiciona de forma explícita contra a antiga catequese antijudaica, numa verdadeira mudança de direção para buscar a reconciliação e o diálogo católico-judaico.

Inicia-se, assim, um novo tempo para os cristãos, tendo à frente o desafio de promover o diálogo religioso entre irmãos outrora separados por tantos desencontros.

As reproduções artísticas da visitação ao longo dos séculos

Essa mentalidade de valorização do cristianismo, abandonando a visão de inter-relação com o judaísmo, visto como uma religião ultrapassada após a vinda de Jesus, pode ser percebida na arte cristã durante os séculos nas pinturas da passagem referente ao encontro de Maria, mãe

² Termo hebraico de uma raiz que significa “destruição, desolação”. Essa palavra é utilizada diversas vezes no Primeiro Testamento, como em Isaías 47,11: “Ora, uma calamidade virá sobre ti e não saberás conjurá-la, a catástrofe vai desabar sobre ti sem que tu possas impedi-la. Repentinamente, alcançar-te-á uma ruína que não terás sabido evitar”. Nota-se, nesse caso, a progressão desse mal: infelicidade, desastre e catástrofe. Portanto, a Shoah significa a catástrofe absoluta.

de Jesus, com sua prima Santa Isabel, narrada no Evangelho de Lucas (Lc 1, 39-56). A representação desse encontro assumiu diferentes formas de acordo com o contexto histórico, teológico e cultural, evidenciando como o cristianismo interpretou e, por vezes, silenciou elementos ligados ao judaísmo.

A importância da evolução iconográfica da Visitação consiste no fato de que, teologicamente, o episódio simboliza o encontro da Nova Aliança (na figura de Maria), a qual tem por base e fundamento a Antiga Aliança (simbolizada por Isabel). E, a esse respeito, convém ressaltar que a Nova Aliança não substituiu a antiga, mas lhe conferiu novo sentido, em evidente ponto de contato entre judaísmo e cristianismo.

Sobre o tema, faz-se mister destacar o Documento da Igreja: Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis:

(...) A Nova Aliança tem por base e fundamento a Antiga, porque é o Deus de Israel que firma a Antiga Aliança com o povo de Israel e torna possível a Nova Aliança em Jesus Cristo. Jesus vive no tempo da Antiga Aliança, mas com a sua obra salvífica na Nova Aliança confirma e aperfeiçoa as dimensões da Antiga. O termo “Aliança” indica uma relação com Deus que se realiza de modo diverso para os judeus e para os cristãos. A Nova Aliança não pode jamais substituir a Antiga, mas a pressupõe e lhe confere uma nova dimensão de sentido, reforçando a natureza pessoal de Deus que foi revelada na Antiga Aliança e definindo tal natureza como abertura a todos os que responderão fielmente entre todas as nações”. (2016, p. 27-28)

De fato, até o século XII, essa passagem era representada segundo a tradição bizantina e helenística, mostrando Maria e Isabel em postura formal e abraço contido. No Oriente Bizantino, a ênfase recai sobre a solenidade e o caráter litúrgico do encontro, com pouco espaço para gestos emocionais. Contudo, a partir da expressão artística gótica³, houve sensível modificação das telas, com representações mais afetivas e humanizadas que demonstravam a expressão dos sentimentos dessas mulheres, em evidente transição do formalismo para um maior realismo e aproximando as personagens dos fiéis.

Ressalte-se, ainda, que no início do Renascimento, os quadros da Visitação ganharam grande destaque com as reproduções realizadas por Rogier van der Weyden (c. 1435, Museu de Leipzig), que pintou um encontro íntimo entre as duas primas, com forte carga emocional, e por Domenico Ghirlandaio (1486-1490, Capela Tornabuoni, Florença), que situou as duas em ambiente urbano, de forma contemporânea, refletindo a tendência humanista de aproximação do sagrado à vida cotidiana. Também Piero di Cosimo e Jacopo Pontormo reproduziram versões

³ Trata-se de expressão artística que começou a se desenvolver mais claramente em meados do século XIII e se caracteriza por explorar a profundidade e a emoção das figuras, representando figuras mais realistas e expressivas, em contraste com as poses rígidas e estilizadas da arte medieval.

relevantes, sendo que Pontormo (1528-1529, Igreja de San Michele, Carmignano) retratou a cena com estilo maneirista, apresentando cores mais vibrantes e gestos teatrais (THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA ARTICLE HISTORY, 2025).

Há também uma representação muito peculiar que vale ser destacada, difundida no século XV a partir de fontes bizantinas, e que mostrava os nascituros Jesus e João Batista visíveis nos ventres das respectivas mães, em evidente gesto de saudação.

Porém, a partir do Concílio de Trento (1545-1563), as representações artísticas sofreram grande impacto, pois como resposta à Reforma Protestante, o Concílio fixou normas rigorosas para a arte sacra, que deveria observar os requisitos de clareza, decoro e função catequética. Entre essas normas, havia determinação para que houvesse rigor no decoro e correção, proibindo a reprodução de nudez e impondo que as representações fossem fiéis aos ensinamentos da Igreja. Nesse contexto, as representações da Visitação passaram a ser mais sóbrias, dando-se ênfase à humildade de Isabel, frequentemente mostrada de joelhos diante de Maria, reforçando a superioridade do cristianismo.

A versão supramencionada de Jesus e João Batista retratados nos ventres de suas mães, embora popular, restou condenada pelo Concílio, pois foi considerada pouco digna e excessivamente fantasiosa.

Dessa forma, a arte sacra deveria obedecer às diretrizes da Igreja, fornecendo um caráter instrutivo a fim de propagar a doutrina católica.

Em suma, após o Concílio de Trento, a padronização romana impôs uma maior uniformidade nas representações artísticas, reduzindo inovações e consolidando a produção de uma iconografia teologicamente controlada.

Destarte, foi abandonada a liberdade criativa para dar lugar à regulamentação dogmática. Do abraço fraterno à situação de submissão com o ato de ajoelhar-se após o Concílio de Trento, as representações passaram a expressar não apenas estilos artísticos, mas uma orientação desprovida do reconhecimento da familiaridade com o judaísmo e por vezes se sobrepondo à tradição judaica, ignorando sua importância.

Enquanto na Idade Média e no período do Renascimento a cena foi explorada em sua dimensão afetiva e simbólica, no período tridentino houve um direcionamento para que as representações servissem de instrumento catequético contra excessos criativos e em defesa da doutrina católica.

De todo o exposto, conclui-se que a Visitação constitui um retrato evidente e tema privilegiado para a compreensão da intersecção fundamental entre Israel e a Igreja, os quais

possuem um relacionamento único e exclusivo, que acabou sendo esquecido pela catequese católica.

A obra de Carl Heinrich Bloch e a análise de sua pintura “O encontro de Maria e Isabel”

Carl Heinrich Bloch foi um pintor dinamarquês, nascido em Copenhague, que viveu entre 1834 e 1890, e que se tornou mais conhecido por suas pinturas de temas religiosos e históricos. Realizou sua formação na Real Academia Dinamarquesa de Arte, em Copenhague, sob a orientação do renomado professor Nicolai Wilhelm Marstrand, considerado um dos artistas mais proeminentes da pintura dinamarquesa. Entre 1859 e 1866, Bloch estudou na Itália, período no qual desenvolveu seu estilo. Também foi nessa época que conheceu a obra do pintor holandês Rembrandt, o qual se tornou uma grande influência para ele. Nesse sentido, convém ressaltar o registro realizado na publicação do Museu de Arte da Universidade Brigham Young sobre a passagem de Bloch pela Holanda: “Carl e Anton viajaram pela Holanda e França vendo as obras dos mestres holandeses em primeira mão, incluindo as obras de Rembrandt, que se tornaram muito importantes para Bloch” (PHEYSEY e HOLZAPFEL, 2010, p. 19).

A influência de Rembrandt pode ser vista na oposição de luz e sombras presente em suas telas, pois o pintor holandês é amplamente conhecido por seu domínio excepcional da técnica que envolve o uso de contrastes entre o claro e o escuro, criando volume e profundidade em suas obras.

Outrossim, uma curiosidade da vida de Rembrandt é que em razão de problemas financeiros, recorreu muitas vezes a seus vizinhos judeus, aceitando encomendas de telas com reprodução de cenas do Velho Testamento.

Bloch por sua vez, provavelmente sob sua influência, demonstrou grande preocupação com os aspectos históricos e bíblicos de suas pinturas, com presença incontestável de inúmeros elementos judaicos. Seu primeiro grande sucesso foi a tela “Prometeu Liberto” (1864), que retrata a cena da mitologia grega em que Héracles liberta o titã Prometeu do castigo eterno, a qual fora encomendada pelo rei da Grécia, Jorge I, que possuía origem dinamarquesa.

Após a morte de seu professor Marstrand, e em razão de seu prestígio como pintor, foi contratado para produzir vinte e três pinturas para a Capela do Rei no Palácio de Frederiksborg que retratavam cenas da vida de Cristo, as quais se tornaram muito populares. As telas foram pintadas entre 1865 e 1879 e permanecem expostas no mesmo local.

Dentre essas vinte e três pinturas, o quadro “O encontro de Maria e Isabel” (1866) é uma obra religiosa de grande beleza e foi enaltecido como a melhor das vinte e três pinturas produzidas pelo artista.



A cena descreve o momento em que a Virgem Maria, após o anúncio de que seria a mãe de Jesus, viaja para visitar sua prima Isabel, que já estava no sexto mês de gravidez de João Batista, conforme relatado no Evangelho segundo Lucas:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim”. Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” O Anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível” Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!” E o Anjo a deixou. (Lc 1,26-38)

O encontro das duas primas, ambas carregando a promessa divina em seus ventres, é um momento de profunda emoção e alegria. Segundo a narrativa bíblica, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança (João Batista) estremeceu em seu ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo:

Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. (Lc 1,39-41)

Bloch posiciona a cena de forma a realçar a emoção do momento e a expressividade das personagens. Isabel, mais velha, está no topo de uma escadaria, com os braços abertos para acolher a prima. Maria, mais jovem e com um véu translúcido, se encontra ao pé da escada na direção de Isabel, e a olha com reverência enquanto sobe os degraus. A pintura é bem equilibrada e repleta de simbolismo.

As duas mulheres judias que estão acima do muro, cujos olhares estão voltados para outras direções, não percebem o encontro sagrado entre as primas e as concepções milagrosas que aconteceram. A anunciação do anjo a Maria acontece em ambiente privado e Zacarias, após receber de um anjo a notícia de que sua esposa conceberia um filho, em razão de sua dúvida, permanece mudo até o nascimento de João Batista, conforme narrado no Evangelho segundo Lucas 1,20: “Eis que ficarás mudo e sem poder falar até o dia em que isso acontecer, porquanto não creste em minhas palavras, que se cumprirão no tempo oportuno” (...).

Mantém-se, dessa forma, o mistério da ação de Deus em suas vidas, cuja revelação pública somente ocorreria mais tarde.



Quanto às vestes de Maria, ela é apresentada com o tradicional vestido vermelho e o manto azul, cujas cores remetem à realeza. A arte cristã frequentemente representa Maria com roupas nessas cores. Esses pigmentos eram difíceis de se obter, o que elevava seu valor e, por

isso, somente eram utilizados pela elite. São cores que indicam prestígio, elegância e poder real. Note-se que a combinação de vermelho e azul em vestes reais reforçava a autoridade e a nobreza dos monarcas.

Na pintura, ela é coroada com uma coroa em forma de disco, que não está presente na pintura anterior da Anunciação, pois o objetivo do artista é enfatizar que neste momento a concepção divina já ocorreu. O uso desse anel de luz surgiu primeiramente na arte cristã por volta do século V e era usado exclusivamente para as personagens da Trindade e anjos; posteriormente, foi expandido seu uso para os apóstolos e outros.

No período renascentista o anel de luz apareceu como um fino anel dourado mostrado em perspectiva. Seu uso por Bloch nesta série de telas pode refletir seu estudo da pintura religiosa italiana com a qual ele trabalhou em Florença.



Um vaso de lírios é propositalmente pintado no pilar de pedra a fim de anunciar a presença de Maria e simbolizar sua pureza e santidade. Vale lembrar que o simbolismo do lírio está presente na Bíblia Hebraica, no qual a flor é associada à pureza, beleza e ao amor divino, como está presente no livro do Cântico dos Cânticos 5,13: “Suas faces são canteiros de bálsamo, colinas de ervas perfumadas; seus lábios são lírios com mirra, que flui e se derrama.”



Ainda, o manejo hábil da tinta pelo artista cria textura e espaço tridimensional, dando profundidade à tela, que pode ser reconhecido na superfície áspera do muro de pedra, pilares e degraus, além do véu transparente de Maria. O estilo é característico do Academicismo⁴ do século XIX, mas com notas de emoção e lirismo.



Contudo, o que se vê como grande diferencial na presente pintura de Carl Heinrich Bloch e que constitui uma grande importância para a relação única entre judeus e cristãos, é a

⁴ Movimento artístico que estabeleceu regras e diretrizes rígidas para a produção artística, pautados pelo domínio da perspectiva, da anatomia e do uso de luz e sombra, valorizando a habilidade técnica e o rigor formal em detrimento da criatividade e inovação.

opção do artista em colocar Isabel no topo da escada, afirmindo a consciência da importância dessa herança judaica que foi recebida pelos cristãos.

Enquanto a iconografia medieval e renascentista apresentava maior equilíbrio entre as duas personagens, no período pós Concílio de Trento houve reforço da hierarquia do cristianismo, mostrando Maria como depositária da graça e Isabel como mera testemunha. A tela em análise coloca Isabel em flagrante elevação de nível em relação a Maria, prestigiando-a.

A ligação afetiva demostrada nas faces das duas primas consolida a ideia de que cristianismo e judaísmo possuem uma relação única e de evidente familiaridade. O encontro é familiar, íntimo e solidário.

Isabel, tida como estéril, concebe na velhice e é representada utilizando vestes tradicionais, com destaque para o ventre proeminente. Também Israel, do alto de sua longa tradição e espera messiânica, continua a produzir frutos na figura de João Batista, o precursor de Cristo. Ainda no ventre de Isabel, ele reconhece a presença de Jesus e se agita com alegria mesmo antes de seu nascimento. Seu movimento é visto como um sinal profético, confirmando que Jesus é o Messias esperado.

A visita de Maria a Isabel, portanto, é a visita de Deus ao povo com quem celebrou eterna aliança, como reconhecimento por sua fidelidade e amor.

A escuridão por trás da figura de Isabel, além de um recurso estilístico, não constitui elemento pejorativo de forma alguma. Mas pode comunicar ao expectador da arte que o povo da antiga aliança viveu até então aguardando a chegada do Messias, a qual traria livramento ao seu povo, afastando-o as trevas da opressão e trazendo a luz, como pode ser encontrado nas Escrituras: “O povo que andava nas trevas viu uma grande luz (...)" (Is 9,2).

Portanto, o recurso de luz e sombra presente na obra serve de forma adequada ao relato bíblico sobre a vinda do Messias e enaltece a rica espiritualidade desse evento.



Extrai-se também que judaísmo e cristianismo desempenham papel essencial no plano de Deus para a salvação da humanidade. E, embora o cristianismo nascente represente um novo agir salvífico de Deus, o patrimônio comum favorece a unidade entre ambos e tem potencial para culminar no abraço afetuoso que Isabel está prestes a oferecer à Virgem Maria.

Vale ressaltar que a obra de Bloch, pintada em 1866, representa uma luz de esperança em meio ao século XIX, marcado pelo surgimento do antisemitismo racial que se espalhou pela Europa e possui suas raízes no antijudaísmo que se manteve vivo ao longo dos séculos e contra o qual a Igreja tardou em se opor formalmente.

Essa disposição do artista em ressaltar os elementos judaicos em sua obra, valorizando as raízes da fé cristã possivelmente tem amparo no fato de que a Dinamarca foi reconhecida como uma nação mais tolerante em relação ao povo judeu do que os demais países da Europa. Esse ambiente de tolerância contribuiu para uma melhor integração do povo judeu no território dinamarquês.

O exemplo desse ambiente desprovido de forte antisemitismo racial pode ser vislumbrado no esforço realizado após a ocupação alemã, em 1943, quando um grande número de judeus foi transportado secretamente pelo Estreito de Öresund para a Suécia, que ofereceu asilo aos refugiados. A ação foi iniciada a partir do vazamento de informação por um oficial alemão e contou com a mobilização de toda a sociedade dinamarquesa. Referido oficial avisou um alfaiate local enquanto este lhe tirava as medidas para ajuste de um terno (BBC NEWS BRASIL, 2018).

Destarte, evidencia-se a existência de uma sociedade mais tolerante que ajudou a formar a visão do artista.

Considerações finais

As expressões artísticas, em todas as suas formas, constituem um retrato fiel de sua época, evidenciando a cultura, política e religião de seu tempo, o que é inegável.

Ao longo da história, vê-se a propagação de traços de uma catequese antijudaica que alimentou o movimento antisemita.

Todavia, em meio ao crescimento de forte nacionalismo nos países europeus e o surgimento incontestável do antisemitismo racial do século XIX, encontramos preciosidades como a obra de Carl Heinrich Bloch que caminha na contramão de seu tempo, buscando o frescor de uma verdade há muito esquecida: não é possível prosseguir ignorando as origens judaicas do cristianismo.

A singeleza dos braços abertos de Isabel, conforme retratado em sua obra, faz-nos lembrar que as raízes cristãs são encontradas no judaísmo. Ou seja, a Igreja é a renovação da mesma aliança eterna que Deus fez com Israel. A seiva do judaísmo está dentro dela, pois os cristãos foram enxertados na boa oliveira que é Israel, conforme nos adverte São Paulo Apóstolo em um dos primeiros escritos do Novo Testamento presente em sua carta aos Romanos 11,17-24 e explicitamente referido na Declaração *Nostra Aetate*, em seu segundo parágrafo:

Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professa que todos os cristãos, filhos de Abraão segundo a fé (6), estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios (7). Com efeito, a Igreja acredita que Cristo, nossa paz, reconciliou pela cruz os judeus e os gentios, de ambos fazendo um só, em Si mesmo (...).

A cena do encontro entre Maria e Isabel nos faz lembrar que a esperança messiânica, elemento fundamental na tradição judaica, está calcada no fato de que o Messias esperado pelo povo judeu é o instrumento por meio do qual o Reino de Deus deve ser estabelecido na terra. Para os cristãos, a espera messiânica aponta para a volta de Jesus Cristo, o Messias, que já consumou a obra de salvação por meio de sua morte e ressurreição e retornará para estabelecer o Reino de Deus de forma definitiva. Embora haja diferenças teológicas profundas entre judaísmo e cristianismo, a espera messiânica é o motor da esperança cristã e da esperança judaica na construção do reino de Deus.

Assim como a prima mais velha recebe a mais nova no interior de sua morada e ambas desfrutam da presença do mesmo Deus, a relação entre cristianismo e judaísmo é interna e não externa. Há uma dinâmica na relação entre as duas religiões que de forma alguma invalida a fé cristã, como nos ensina Pierre Lenhardt, ao afirmar que “(...) a fé cristã é coerente com a Palavra de Deus que me vem das fontes judaicas, assim como das fontes especificamente cristãs” (2020, p. 05).

Nesse contexto, para explorar as riquezas da fé cristã, é possível partir das palavras escritas no Novo Testamento, as quais estão ligadas a Cristo, no Deus Uno, com o Judaísmo e suas fontes (processo que vai do Cristianismo ao Judaísmo, denominado analítico). Por meio dessas fontes é possível ao homem melhor conhecer a Deus e a si mesmo. Mas também é possível partir do encontro com os judeus e da escuta do Judaísmo, ouvindo o que ele diz de si mesmo, de Deus, da humanidade e do mundo, a fim de esclarecer a fé do homem sobre aspectos

até então ignorados e que fazem parte do patrimônio comum ao Judaísmo e ao Cristianismo (processo que vai do Judaísmo ao Cristianismo, denominado sintético). Esse processo é inseparável do primeiro (cf. LENHARDT, 2020, p. 97-98).

Portanto, é possível dizer que o desconhecimento dessa realidade é o desconhecimento da própria identidade cristã.

Ora, a Igreja, ao acolher Jesus como o Messias está acolhendo uma herança, uma tradição judaica.

Por isso mostrou-se tão oportuna a afirmação popularizada pelo Papa João Paulo II em um discurso à comunidade hebraica de Mainz, na Alemanha, no ano de 1980 que “quem encontra Jesus Cristo, encontra o judaísmo”. Essa afirmação feita pelo Papa foi extraída da Conferência Episcopal Alemã no mesmo ano, que reconheceu a herança espiritual de Israel para a Igreja. Posteriormente essa frase foi retomada por Bento XVI e permanece como sendo a condição da Igreja nos dias de hoje.

Ainda, ao desvendarmos o significado dos elementos judaicos presentes na tela produzida por Bloch, tomamos a consciência de que não é possível uma compreensão clara do Novo Testamento sem o conhecimento do Antigo, pois tudo o que Jesus ensinou é próprio dessa herança religiosa.

A esse respeito, o documento da Pontifícia Comissão Bíblica afirma: “(...) Sem o Antigo Testamento, o Novo seria um livro indecifrável, uma planta privada das suas raízes e destinada a seccar” (2002, p. 235).

Nesse contexto, com a nova teologia que se estabeleceu na Igreja a partir da Declaração *Nostra Aetate*, solidificou-se o entendimento de que os erros teológicos do passado devem ser corrigidos, com o reconhecimento de que cristãos e judeus são detentores de um patrimônio comum que, longe de os afastar, cria pontes para o desenvolvimento de um diálogo fraterno e de mútuo apreço.

Talvez esse seja um elemento implícito que fez com que a tela de Bloch fosse tão prestigiada, a saber, o fato de que o antigo e o novo podem descobrir um ponto de intersecção para se encontrarem e dialogarem, buscando transformar juntos a história em Reino de Deus.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BBC NEWS BRASIL. Segunda Guerra Mundial: como a dica de um oficial nazista salvou a vida de meus avós. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/ptuguese/geral-45950325>. Acesso em 18 out 2025.

CAPTIVATING HISTORY. The Bar Kokhba Revolt: A captivating guide to the third Jewish-Roman war and its impact on ancient Rome and Jewish history. English Edition, 2021.

COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis. Brasília: Edições CNBB, 2016.

LENHARDT, Pierre, **À escuta de Israel na Igreja.** Tomo II. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2020.

PHEYSEY, Dawn C.; HOLZAPFEL, Richard Neitzel. **The Master's Hand the Art of Carl Heinrich Bloch.** Salt Lake City, Utah: Brigham Young University Museum of Art, 2010.

POLIAKOV, Léon, **De Cristo aos Judeus da Corte.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã. São Paulo: Paulinas, 2001.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA ARTICLE HISTORY. **Visitation.** Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Visitation>. Acesso em 10 jul.2025.